

# Joaquim Pessoa – Poema primeiro

Gosto-te. E desta certeza  
se abre a manhã como uma imensa  
rosa de desejo indestrutível. O futuro  
é o próximo minuto, para além  
da infatigável religião dos meus versos,  
em cuja luz me acendo, feliz e nu.

O meu sorriso conhece a bondade  
dos animais, o poder frágil das corolas,  
e repete o nome feminino dos arcanjos de  
peitos redondos, perfumados  
pelas giestas dos caminhos  
do céu.

Gosto-te. Amarrado  
pelos meus braços de beduíno do sol,  
pobre senhor dos desertos,  
profeta da distância que há dentro das palavras,  
onde se alongam sombras  
e o sofrimento se estende até à orla  
da mais inquieta serenidade.

Gosto-te. E tenho sido  
feliz, por nunca ter seguido os trilhos  
que me quiseram destinar. Aqui  
e ali me pergunto, despidoradamente. E sei  
que não sei mentir. É por isso,  
que recolho na face a luz imprescindível  
ao orgulho dos peixes  
e dos frutos.

Gosto-te. Na-na-na, na-ô...  
Na-na-na, na-ô... na-nô...

Canta o espírito do caminho,  
canta para mim e canta para ti, eleva  
o coração das grandes árvores, coração

de seiva e de coragem,  
sangue fresco e verde, apaixonado  
e doce,  
de tanto contemplar o perfil das tardes.  
Gosto-te. Mas, "longe"  
é uma palavra húmida, grávida,  
onde os sinos da erva tocam  
para convocar a última sílaba. E,  
ao procurar-te, tremo apenas  
de ternura  
para que nem mesmo a inteligente brisa  
da manhã  
possa dar por mim.  
Mais discreto que isto  
é impossível.

**Joaquim Pessoa, Guardar o fogo**